

ENTRE DAVI E GOLIAS: AS RELAÇÕES ENTRE O PROFESSOR E O LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA DA PARAÍBA NAS ESCOLAS DE CAMPINA GRANDE, 2004-2005¹

Giscard Farias Agra²

Introdução

O projeto de pesquisa O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DA PARAÍBA: UM PROBLEMA E SEUS DESAFIOS é parte das atividades do Grupo de Pesquisa – História, Cultura e Sociedade, tendo por coordenador o professor Fabio Gutemberg R. B. de Sousa (Doutor em História Social pela UNICAMP). Como aluno da graduação, tivemos oportunidade de participar do projeto ao longo de um ano como bolsista PIBIC/CNPq/UFCG, tendo apresentado o Relatório Final em idos do mês de julho próximo passado.

O referido projeto tem por objeto de pesquisa os livros e os materiais didáticos de História da Paraíba produzidos nas últimas três décadas e a forma como estes são apropriados e utilizados pelos professores dos ensinos fundamental e médio das escolas de Campina Grande. Seus principais objetivos consistem em analisar esses materiais, problematizando-os face às correntes teórico-metodológicas em voga hodiernamente no Brasil, bem como investigar os principais desafios que se colocam ao ensino de história da Paraíba nas escolas da rede pública e particular de Campina Grande – tais como falta de recursos, fontes, estímulo, dentre outros. Propõe, ainda, a elaboração de uma obra com análises e discussões sobre os livros e materiais didáticos investigados, bem como com as suas possibilidades de uso em sala de aula por parte dos professores.

Com este intuito, realizamos a leitura de vários textos e obras sobre ensino de história, história do ensino de história e historiografia, bem como mantivemos contato com vários professores dos ensinos fundamental e médio, de escolas das redes pública e privada, localizadas nas áreas centrais e periféricas da cidade. A partir deste contato que tivemos com tais professores, por meio de questionários, entrevistas e a realização de um curso de

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História da Educação no Contexto da Cultura Histórica”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em História do Norte e do Nordeste do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), bacharel em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), bolsista PIBIC/UFCG/CNPq 2004/2005, e autor do livro *A urbs doente medicada: a higiene na construção de Campina G(g)rande, 1877-1935* (Campina Grande, PB: Graf. Marcone, 2006). E-mail: gfagra@yahoo.com.br .

extensão, tentamos perceber *se e como* eles lecionam história da Paraíba, de que livros e materiais se apropriam e como os usam no dia a dia em sala de aula.

O presente artigo tem por finalidade apresentar algumas das relações mantidas entre professores e recursos didáticos, especificamente, o livro didático, no ensino de história da Paraíba, nas escolas públicas e privadas da cidade de Campina Grande, segundo a pesquisa de campo realizada entre os meses de setembro de 2004 e julho de 2005.

Metodologia da Pesquisa

Ao longo do primeiro ano de vigência do Projeto *O Livro Didático de História da Paraíba: um Problema e seus Desafios*, mantivemos contato com professores dos ensinos fundamental e médio, das redes pública e privada, das áreas centrais e periféricas, da cidade de Campina Grande, em três oportunidades distintas: por meio de questionários, um curso de extensão e entrevistas.

Após selecionarmos as escolas e os bairros da cidade que seriam contemplados pela pesquisa³, começamos a aplicar os questionários⁴ com os professores no mês de novembro de 2004, totalizando 33 (trinta e três) questionários respondidos e 31 (trinta e um) professores consultados ao final do mês de dezembro⁵.

O Curso de Extensão *O livro didático de História da Paraíba: Um problema e seus desafios* foi oferecido ao longo de três sábados do mês de abril de 2005⁶ a cerca de 15 (quinze) professores das redes pública e particular de ensino fundamental e médio, sendo ministrado pelo coordenador do projeto, Fabio Gutemberg Sousa. Na oportunidade, além de mantermos diálogo com os professores sobre os principais problemas que cercam o ensino de história da Paraíba nos colégios de Campina Grande, aproveitamos para aplicar questionários com mais 10 (dez) professores participantes do curso, totalizando, desta forma, quarenta e três (43) questionários aplicados.

Por fim, nos meses de maio e junho de 2005, começamos a entrevistar vários professores selecionados a partir das informações fornecidas nos questionários e no Curso de Extensão.

³ Os bairros contemplados foram: Bodocongó, Catolé, Centro, Cruzeiro, José Pinheiro, Liberdade, Malvinas, Monte Santo e Prata. As escolas onde desenvolvemos a pesquisa, por sua vez, foram: na *rede pública*, as Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio Ademar Silveira (Estadual de Bodocongó), Nenzinha Cunha Lima, Deputado Álvaro Gaudêncio (Estadual das Malvinas), Anésio Leão (Estadual da Palmeira) e Elpídio de Almeida (Estadual da Prata); e, na *rede privada*, os Colégios Carmela Veloso, Santa Teresa, Alfredo Dantas, Panorama e Cenequista Cônego Pedro Serrão.

⁴ Esses questionários tinham por propósito recolher informações sobre quais recursos didáticos os professores utilizavam em seu cotidiano na sala de aula e já davam oportunidade para que esses professores expressassem opiniões sobre o ensino de história da Paraíba. Num segundo momento, estas informações serviriam para a seleção dos professores que seriam entrevistados pelo projeto.

⁵ A diferença numérica entre a quantidade de professores e a quantidade de questionários ocorreu devido ao fato de dois professores (Antônio Sérgio Brito e Glayds Richeles Veiga) terem respondido, cada um, a dois questionários, que foram aplicados em escolas diferentes, por pesquisadores diferentes.

⁶ Datas do curso: 02/04, 09/04 e 16/04/2005.

Selecionamos, assim, dez (10) dos professores que pudessem contribuir melhor para os objetivos expressos no projeto de pesquisa⁷.

É da fala desses professores que iremos nos apropriar para construir o presente artigo. E não fazemos isto de forma inocente, inconsciente ou desproposital. Fazemo-lo de forma inteiramente volitiva. E isto porque, ao optarmos por colocar como ponto central deste artigo os depoimentos daqueles educadores e as discussões que com eles mantivemos, pensamos estar assim dando voz a esses professores que tanto colaboraram em nossa pesquisa e que tão poucas vezes são escutados, apesar de freqüentemente estarem tentando se fazer ouvir⁸.

Vejamos, portanto, o que recortamos dessas falas como principais pontos de debate e discussão para o presente texto.

Resultados da Pesquisa e Discussão

A maior parte dos professores com os quais mantivemos contato durante a pesquisa de campo do projeto expressou sua grande insatisfação com a situação do ensino de história local em nossa cidade. Fossem professores de escola pública, fossem de escola privada, as dificuldades em se ensinar história da Paraíba perpassaram as falas da grande maioria deles.

Reclamaram, assim, da falta de bons livros didáticos, da deficiência e má qualidade dos poucos existentes, da falta de interesse dos alunos e dos próprios docentes e também da falta de conhecimento destes sobre a história local. Um motivo apontado por muitos é a dificuldade em criar interesse no aluno pelo estudo de história da Paraíba quando há uma grande dificuldade em integrá-la à história do Brasil, fazendo parecer que as duas histórias ocorreram independentes uma da outra, só convergindo em determinados pontos específicos – na Revolução de 1930, por exemplo. Além do mais, o interesse do aluno, apontaram alguns professores, só existe em razão da exigência de história da Paraíba no vestibular, e, mesmo assim, não consegue ser tão eficaz, vista a pequena quantidade de questões sobre esse tema contemplada no vestibular.

Essa exigência de história da Paraíba no vestibular, por outro lado, esteve presente no discurso de vários professores entrevistados. Essa preocupação se refletiu na maior parte das entrevistas, preocupação que nos mostra que o ensino de história da Paraíba em Campina Grande está *diretamente vinculado à exigência do Vestibular*, tanto o é que, na

⁷ Os professores entrevistados até então foram, na ordem cronológica: Anglebson Barros da Silva, José Pereira de Souza Júnior, Glayds Richeles Araújo Veiga, Valdeci Feliciano Gomes, Eriberto Souto de Andrade, Iva de Aguiar Camelo, Iolete Barros Meira, Sandra Maria Lopes, Neide Cordeiro de Oliveira e Francisco Alves de Freitas.

⁸ Entretanto, apesar de nos apropriarmos das falas desses professores, quando as citarmos não faremos a devida referência ao professor que a proferiu, visto que, até o presente momento, não nos foi autorizado identificar de que fonte partem essas falas. Essa autorização será concedida apenas após a transcrição das entrevistas (gravadas em fita K7) passar pelo crivo de cada professor, o que ainda não nos foi possível fazer.

grande maioria das escolas, só é lecionada tal história no ensino médio, e não no fundamental. E esta questão acaba por ser subjetivada tanto por alguns alunos quanto por alguns professores.

Uma professora chegou a afirmar que “só dá o que o vestibular pede” e tenta justificar aos seus alunos a importância de se estudar tal história porque “qualquer concurso na Paraíba exige que se saiba história da Paraíba”. Na seleção de conteúdos para ministrar a sua aula, no trabalho de produzir um texto a partir de alguns livros disponíveis de história da Paraíba, tal professora afirmou que vai “pegando de um e de outro pra formar aquilo que o vestibular tá pedindo e (...) passa para os alunos”.

Por outro lado, quando o professor tenta se desvincular dos conteúdos exigidos pelo vestibular, o próprio aluno trata de fazê-lo retornar. Um dos professores entrevistados nos contou que, ao tentar lecionar um conteúdo não pertencente ao “currículo oficial”, um de seus alunos prontamente ergueu-se e perguntou-lhe – “e isso cai no Vestibular?”.

Apesar de muitos terem afirmado que os alunos se mostram mais interessados quando se leciona história da Paraíba, poucos conseguem aproveitar esse interesse e realizar um trabalho eficiente devido às exigências do “currículo oficial”, às poucas aulas semanais destinadas à disciplina de História, aos poucos recursos didáticos, às poucas fontes bibliográficas e devido também à má qualidade dessas, alcunhadas de “não atrativas” por uma das entrevistadas.

O livro mais utilizado pelos professores que lecionam história local em Campina Grande é o *Estudando a História da Paraíba*⁹. As opiniões sobre tal obra, entretanto, divergem: alguns o consideram um livro “muito bom e completo”, enquanto outros o consideram um mero guia de estudo. Novamente, vemo-nos às voltas com as exigências do vestibular, pois quem o considera muito bom tem em vista o que pede o vestibular, visto que tal livro foi produzido seguindo justamente o programa do concurso, o que facilita o trabalho do professor e o estudo do aluno, apesar de limitá-lo; quem o critica tem em vista um estudo mais profundo da história da Paraíba, não visando necessariamente o vestibular, mas a obtenção de conhecimentos significativos para a vida e a formação do aluno. Assim, criticou-se, tanto no Curso de Extensão quanto nas entrevistas, a corrente historiográfica marxista utilizada pelos autores do livro, os exercícios, a falta de iconografia, a superficialidade dos conteúdos etc.

Apesar de ser o livro mais utilizado no ensino de história da Paraíba em Campina Grande, ele não é encontrado nas bibliotecas de muitas escolas, especialmente as públicas, e muitos professores sequer o conhecem, como demonstraram algumas entrevistas realizadas.

O uso de outros materiais acaba também por esbarrar no despreparo dos professores quando o assunto é história da Paraíba, o que apareceu em vários depoimentos. Um professor citou que o material de que dispõe é “acadêmico, sendo inviável para o nível

⁹ GURJÃO et al. *Estudando a História da Paraíba* – uma coletânea de textos didáticos. Campina Grande: Grafset, 1999.

escolar”, e o material de que a escola dispõe em nível escolar é de “péssima qualidade”. Outros professores afirmaram tentar suprir essa falta de preparo e essa falta de livros com meios alternativos: uma ensina com as apostilas de um Cursinho, que conseguiu com um sobrinho seu que o frequentou; outra prefere convidar professores “mais preparados” para ministrar palestras às suas turmas. E assim por diante.

Para superar essa falta de materiais e livros didáticos mais completos ou a distância entre a produção acadêmica e as exigências e necessidades escolares, muitos optam por uma “transposição” (FONSECA, 2003), transformando materiais acadêmicos em textos escolares, mais fáceis, agradáveis e completos para o grau dos alunos. A grande maioria também se apropria de um material de “qualidade inferior” e modifica-o, transmuta-o, utiliza-o da forma como pensa ser melhor para a compreensão do aluno, não sendo meros reprodutores do conteúdo do livro, mas sendo agentes ativos na produção dos sentidos contidos no texto. Muitos nos explicitaram como realizam tal trabalho. Uma das entrevistadas nos afirmou:

Tem o material bom e tem aquele que a gente descartaria, mas (...) na necessidade, a gente faz o quê? Um aprimoramento daquilo que acha muito fraco e coloca.

A relação que o professor tem com o livro didático, portanto, apareceu em muitos depoimentos, ao menos na forma de discurso docente, como sendo uma relação de cooperação mútua: afirmam que há a necessidade de adotar um livro para que o aluno tenha por onde estudar, mas que se deve também completar as lacunas e as falhas de tal livro com a utilização de outros materiais. Uma professora afirmou que um dos critérios de escolha do livro é a disponibilidade de o aluno encontrá-lo na biblioteca da escola. Outra afirmou o seguinte:

Livro didático todo ele é cheio de falhas, todo ele vem, é produzido, dentro de uma visão de história, mesclado, como nós sabemos, com o editor, com o cara que vai jogar os mapas, tem todo um assessoramento, né, porque tem o cara que coloca o gráfico lá que não tem nada a ver com o conteúdo e tudo mais e, na verdade, eles são muito falhos, uma grande porcaria, na verdade, e, na minha visão de história, tentando abrir para um conhecimento mais crítico, mais discursivo, eu sempre adoto um livro como base porque a escola exige pra constar na lista do material escolar, e (...) mesclando com textos de outros livros (...)

Ainda discutindo a forma como trabalha o livro didático, e como o utiliza criativamente, e não como mera reprodutora, a mesma professora afirma que:

mesmo um material limitado como esse da 7ª e 8ª que eu tô experimentando, uma experiência horrível inclusive, mas eu tô compensando porque eu pego outros textos e trago, eu trabalho muito, eu tenho uma videoteca que utilizo sempre, aí isso aí tá suprimindo a lacuna do livro porque eu trabalho o vídeo, eu trabalho a música, eu trabalho o texto de um outro livro e isso vai suprimindo essa lacuna.

Essa atitude de crítica ao livro didático se fez presente em alguns depoimentos e entrevistas que fizemos no segundo semestre do projeto. No Curso de Extensão, por exemplo, os professores chegaram a afirmar que o livro didático é até mesmo dispensável, contanto que haja outros fatores que permitam o ofício do professor em sala de aula, tais como a formação, a criatividade e estímulos profissionais. Outros professores, entretanto, como pudemos perceber na análise dos questionários aplicados no primeiro semestre, continuam vinculados completamente à necessidade de um livro didático e dele não conseguem se livrar.

Associados a muitos desses problemas, por fim, escutamos vários professores, especialmente os da rede pública, queixarem-se sobre a *baixa valorização do papel que eles exercem*. Muitas horas de trabalho, baixos salários e pouco reconhecimento social e profissional desestimulam os docentes a exercerem de forma satisfatória o seu trabalho. Uma das professoras, inclusive, afirmou que, devido à grave situação em que se encontram as escolas públicas, os professores “não têm a menor auto-estima”.

Outra professora, da mesma instituição estadual, afirmou que as dificuldades em se ensinar na rede pública vão desde a falta de livros até mesmo à escassez de folhas para a produção de textos e exercícios. Na entrevista que nos concedeu, esta mesma professora ratificou tal queixa, afirmando ainda que o pior problema para o profissional da área não consiste nem mesmo no baixo salário percebido, como muitos afirmam, mas na falta de reconhecimento por parte da direção da escola, que “só faz criticar” e na frente de todos os outros colegas, de forma a humilhá-la, e nunca fazendo elogios aos trabalhos bem feitos.

Apesar do aparente interesse em “quebrar” a relação com o livro didático, muitos professores ainda estão vinculados a ele, tomando-o como o recurso didático por excelência. Nos diálogos que mantivemos com vários professores, isso aparece mais ou menos claro. Poucos propõem uma desvinculação total para com o livro, seja por exigência da escola, seja por não se querer admitir que sem o livro o professor perderia sua “base”. Geralmente falam sobre “complementar o livro”, e não criticá-lo.

Isto já foi demonstrado por outros estudos, tais como o de Sandra Lima (2001). Neste texto, produzido a partir de entrevistas que a autora realizou com vinte e cinco (25) professores de História, verificamos, pela óptica da autora, como, apesar do declarado desejo de “romper com o livro didático”, vários desses professores estão presos a ele, de forma consciente, por pressão das escolas e da sociedade, ou de forma inconsciente, através da adoção da mesma abordagem e metodologia trazida pelo livro que deveria servir apenas como *um* recurso didático, e não o recurso didático. Em um desses depoimentos, inclusive, o professor relata que quis desvincular-se do livro, mas que teve que retomá-lo por reclamação dos próprios alunos, o que ratifica a idéia de Décio Gatti Júnior (2001), segundo

o qual, o principal problema da crise no ensino de História está na verdadeira “indústria do livro didático” existente hoje em dia no país. O autor analisa como o livro didático acabou por, nos últimos trinta anos, com a sua massificação nas escolas, verdadeiramente a *subjugar* o professor em sala de aula, visto que este perdeu o lugar central que antes ocupava para ser substituído pelo livro. O livro didático, por sua vez, passou a ocupar, no imaginário escolar, o lugar de detentor absoluto do conhecimento.

Outro autor que nos ajuda a entender esse lugar em que o livro didático foi colocado nos últimos anos, ou seja, essa substituição do professor pelo livro didático como principal elemento responsável pela aprendizagem em sala de aula, é Kazumi Munakata (1998). O autor nos descortina aquela “indústria do livro didático” que surgiu nas últimas décadas com a profissionalização da indústria editorial. Munakata nos mostra depoimentos de editores e autores que demonstram como o livro didático se tornou um produto extremamente rentável para aqueles que saibam perceber o “mundo exterior” para o qual o livro se destina, ou seja, para aqueles que conseguem sintonizar a obra com o público-alvo para o qual ela deverá ser comercializada, a fim de que, desta forma, o livro consiga melhor circulação. Algumas editoras chegam até mesmo a produzir mais de uma obra, de qualidades distintas, e comercializá-las em diferentes regiões do país por “saber” que tipo de livro e corrente teórico-metodológica os professores de cada região preferem. Isto fica claro no apontamento do editor Lizâneas de Souza Lima, quando contrapõe, preconceituosamente, o professor de Minas Gerais ao professor do interior do Nordeste, afirmando que alguns livros produzidos pela sua editora não podem ser comercializados com o professor mineiro porque ele os considerará muito “bitolados”, mas que serão muito bem aceitos pelo professor nordestino, pois é este tipo de ensino “bitolado” o que ele procura. Com essa declaração, ele demonstra um interesse puramente econômico das editoras e uma suposta dependência dos professores em relação aos livros didáticos. Se a própria editora, por interesses mercadológicos, investe-se no poder de escolher, segundo critérios arbitrários, qual a qualidade do livro que vai destinar às diferentes regiões do país, como isso vai se refletir na qualidade do ensino de tais regiões?

Essa problemática do livro didático refletindo-se na carência do ensino de História, entretanto, torna-se relativa quando analisamos que os fatores que provocam tal defasagem do ensino não dizem respeito unicamente a esta disciplina, mas à estrutura educacional brasileira como um todo. A desvalorização do magistério, as muitas horas de trabalho e as baixas remunerações comuns a esta profissão são notórias, e, devido a esta situação nada cômoda para os docentes, poucos conseguem manter o nível que se exige de alguém nessa profissão, onde, além de ministrar as suas aulas, ele terá que suprir as deficiências que o livro didático apresenta com o conhecimento obtido em outras leituras, especialmente as acadêmicas.

Talvez esteja aí o maior erro, repetido até mesmo pelo Programa Nacional do Livro Didático: o professor acaba por “suprir o que faltou no livro”, e não usando o livro como um complemento ao que é por ele ministrado. Parece-nos uma recaída na afirmação de Gatti Júnior sobre a supervalorização do papel do livro didático sobre o do mestre.

Achamos, portanto, de importância crucial a citação do posicionamento expresso por Jaime e Carla Pinsky (2003). Para estes autores, há a necessidade da explicitação da dicotomia *informação x educação*. Aquela só se transforma nesta última quando devidamente organizada. Segundo eles, o papel do professor em levar *informação* aos alunos já está desde há muito superado, pois ele não é capaz de lutar com os meios de comunicação que jogam informações vinte e quatro horas por dia aos alunos, tais como a televisão, a Internet, as revistas, os jornais, etc. Desta forma, o professor precisa se conscientizar que o seu papel é, na verdade, organizar, sistematizar essas informações, transformando-as em *conhecimentos* que ajudarão os seus alunos a melhor compreender o mundo que os cerca e, desta forma, ajudar a melhorá-lo.

Pinsky, portanto, clama por uma revalorização do papel do magistério a partir da tomada de consciência do próprio professor como elemento transformador do seu meio. Ratificamos o seu pensamento, mas acrescentamos a isto a necessidade de o professor também perceber que o papel do livro didático não é o de substituí-lo ou o de limitá-lo, mas o de complementá-lo e, acima de tudo, servir de roteiro de estudos para os alunos.

Desta forma, com a percepção de que quem educa, quem ministra uma aula, quem mantém a atenção dos alunos para si não é o livro, mas o professor, este poderá se desvencilhar do papel de mero “tradutor” do livro didático que lhe foi incumbido nos últimos anos e que muitos vestiram essa identidade sem questioná-la, e voltar a assumir o papel de educador. Ao perceber isto, o professor se tornará devidamente preparado para não precisar se submeter ao livro ou às editoras que o consideram incapaz de trabalhar com obras de determinada qualidade.

Ao percebermos isto, daremos um grande salto na qualificação de nossos professores, alunos e do próprio ensino de História. Será aí o momento em que o professor, esse “pequeno” guerreiro de lutas diárias, poderá derrotar a influência que o imaginário construído acerca desse “gigante” da indústria capitalista lhe coloca.

Considerações Finais

As dificuldades e as barreiras que se impõem no ensino de história da Paraíba vão desde a falta de interesse individual até a falta de recursos, didáticos e financeiros. Isto se deveu, em parte, até recentemente, a uma tentativa de homogeneização da história nacional ante a morte das peculiaridades das histórias locais. Nos últimos anos, entretanto, ao menos na

forma de discurso dos órgãos de educação ligados ao Estado, isto tem sido modificado, a fim de valorizar os estudos locais (os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação, por exemplo, estimulam o ensino a partir da história local). Mesmo assim, ainda hoje vemos a história paulista ser elevada ao *status* de História Nacional, bem como a história recifense ao de História do Nordeste.

Temos visto, portanto, que nos últimos anos, de forma lenta e gradual, as pesquisas locais vêm tomando o lugar das pesquisas como antes eram feitas, nas quais o pesquisador não tinha contato direto com o seu objeto de estudo, estando, por exemplo, na Paraíba, mas desenvolvendo um trabalho sobre uma temática paulistana, sem ao menos nunca ter estado em São Paulo. As deficiências que tais trabalhos apresentavam, da forma como eram feitos, acabaram por estimular pesquisas locais, onde o pesquisador tem contato direto com o objeto e as fontes, não estando a quilômetros de distância destes.

Talvez quando essa situação se solidificar, a história local ganhe a posição de destaque que ela realmente merece, e pesquisas como a do projeto *O livro didático de história da Paraíba: um problema e seus desafios* ajudam a estabelecer esse novo lugar.

Referências Bibliográficas

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *História e ensino de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GATTI JÚNIOR, Décio. "Dos antigos manuais escolares aos modernos livros didáticos de História: um percurso de massificação do ensino escolar brasileiro (1960-1990)". In: *12º COLE – CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – I CONGRESSO DE HISTÓRIA DA LEITURA E DO LIVRO NO BRASIL*. Anais... Unicamp, Campinas, 2001, 13p.

GURJÃO et al. *Estudando a História da Paraíba – uma coletânea de textos didáticos*. Campina Grande: Grafset, 1999.

LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. "O professor de História o livro didático". In: *12º COLE – CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – I CONGRESSO DE HISTÓRIA DA LEITURA E DO LIVRO NO BRASIL*. Anais.... Unicamp, Campinas, 2001, 11p.

PINSKI, Jaime et PINSKI, Carla Bassanezi. "Por uma história prazerosa e conseqüente". In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003, p.17-36.

RESUMO: O presente artigo, produto de um ano de pesquisa do projeto *O livro didático de história da Paraíba: um problema e seus desafios* (PIBIC/CNPq/UFPG), tem por finalidade apresentar alguns aspectos das relações entre professores e recursos didáticos, especialmente o livro didático, no ensino de história da Paraíba nas escolas públicas e privadas da cidade de Campina Grande. Na investigação desse problema, usamos questionários, entrevistas e depoimentos de professores dos ensinos médio e fundamental, bem como discutimos diversas obras sobre o ensino de história e sobre livro didático. Propomos, neste artigo, explicitar as conclusões a que chegamos depois de um ano de projeto acerca das principais dificuldades no ensino de história da Paraíba, que vão desde a escassez de materiais à falta de reconhecimento da profissão de professor.

Palavras-chave: história do ensino; livro didático; história local.

ABSTRACT: This article, result of one year of research on the project *Parahyba history didactic book: one problem and its challenges* (PIBIC/CNPq/UFPG), intends to present some aspects of relations between teachers and didactic resources, specially concerning to didactic book, in teaching Parahyba history at Campina Grande city public and private schools. In the investigation, we applied questions, made interviews and collect depoiments from school teachers, as also discussed a large number of books about history teaching and didactic book. Our proposal in this article is to relate the main conclusions we have achieved after working on this matter for one year, about the problems in Parahyba history teaching in Campina Grande schools, that takes since the lack of books till the low social recognition to the teacher's job.

Keywords: history of teaching; didactic book; local history.